



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes - IdA
Departamento de Artes Visuais - VIS

MATEUS DE CARVALHO COSTA

**Performance e composição urbana outros processos educacionais:
experiências práticas e teóricas**



BRASÍLIA
2016

MATEUS DE CARVALHO COSTA

**Performance e composição urbana outros processos educacionais:
experiências práticas e teóricas**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título em Artes Plásticas, habilitação em Licenciatura.

Orientadora: Prof. Dr^a. Maria Beatriz de Medeiros

**BRASÍLIA
2016**

A vida não tem fórmulas. São os intelectuais que têm uma fórmula para impor a vida.
Jiddu Krishnamurti

RESUMO

Este trabalho trata da minha produção artística realizada concomitantemente com uma prática pedagógica. A produção a ser analisada tem como cerne o trabalho efetuado junto ao Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos(GPCI) e as produções realizadas com os coletivos Tutameia e Autonomia Duvidosa e outras produções em grupo. Estes trabalhos têm a característica de terem sido realizados em grupo e ter um viés performático e de serem Composição Urbana(C.U.). Produções efetuadas nestes grupos implicam trocas não hierárquicas, rizomáticas (Deleuze) ou (arbórea+rizomática); necessitam de amálgama social, base de processos educacionais. Estes processos envolvem também o caráter técnico, voltado para as ferramentas de produção e o caráter poético, voltado para as reflexões filosóficas.

Palavras-chaves: performance, composição urbana, processos educacionais, produção artística, grupo, lance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. *Encerando a Chuva*, Corpos Informáticos, Candangolândia - DF, 2011. Disponível em: <http://3.bp.blogspot.com/-dWv39edaRjE/Tl1-VQMWPdI/AAAAAAAAABTA/5cMGDeMo9aI/s1600/kombis%2Bunb-35.jpg>. Acesso em: 13/04/2016..... Pag. 11

Figura 2. *Encerando a Chuva*, Corpos Informáticos. Candangolândia - DF, 2011. Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-0ZPP6MKOXt0/Tl1-WDfWryI/AAAAAAAAABTQ/z8tbocWch2Y/s1600/kombis%2Bunb-43.jpg>. Acesso em: 15/03/2016..... Pag. 12

Figura 3. *Encerando a Chuva*, Corpos Informáticos. Candangolândia - DF, 2011. Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-M-sIKLCesQY/Tl17Nqs2v8I/AAAAAAAAABRY/RGX-Jm8HS9A/s1600/kombis%2Bunb-12.jpg>. Acesso em: 13/04/16..... Pag. 13

Figura 4. Composição Urbana *Mar(ia-sem-ver)gonha(MSV)*, Corpos Informáticos. Brasília - UnB, *Kombeiro*, 2012. Disponível em: http://4.bp.blogspot.com/-QoS9rgv6cI4/T4cFelPkUul/AAAAAAAAABkU/IecjclWOHG/s1600/IMG_2555.JPG. Acesso em: 13/04/2016..... Pag. 15

Figura 5. Composição Urbana *Mar(ia-sem-ver)gonha(MSV)*. Corpos Informáticos, Brasília, UnB, *Kombeiro*, 2012. Disponível em: [http://2.bp.blogspot.com/-g7VCHo_Fw64/FpZMMsFkyI/AAAAAAAAACBs/rab7cEendyE/s1600/salvador+2012+foto+arthur+scovino+\(11\).jpg](http://2.bp.blogspot.com/-g7VCHo_Fw64/FpZMMsFkyI/AAAAAAAAACBs/rab7cEendyE/s1600/salvador+2012+foto+arthur+scovino+(11).jpg). Acesso em: 13/04/2016... Pag. 16

Figura 6. *Kombunda vai à praia*, Corpos Informáticos. Salvador - Bahia, 2012. Disponível em: http://3.bp.blogspot.com/-LSU5SekmM78/T4WZr0BEITI/AAAAAAAAABXA/LFWCOhp1VOI/s1600/Sequence%2B01_42%2B%252B.jpg. Acesso em: 13/04/16..... Pag. 17

Figura 7. *Kombunda vai no show de Gabi Amarantos*. Corpos Informáticos, Salvador - Bahia, 2012. Disponível em http://1.bp.blogspot.com/-uuwgBLgkk2A/T4WZrQ0YDyI/AAAAAAAAABW0/Yjj02wZT6vA/s1600/Sequence%2B01_45%2B%252B.jpg. Acesso em: 13/04/2016..... Pag. 18

Figura 8. *Desfile com enceradeiras*, Corpos Informáticos. Salvador - Bahia, Ladeira do Largo dos Aflitos, 2012. Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/-IX5JKlx4v8M/T8KrGXWogEI/AAAAAAAAABuA/UlyFoAK3QfQ/s1600/kombuda+na+jangada+recorte+1.jpg>. Acesso em: 13/04/2016..... Pag. 19

Figura 9. *Carambolama, Carambola, Carambolando, Carambulante, Caralamba.*, Corpos Informáticos, Brasília, UnB, Kombeiro, 2014. Fonte: <https://vimeo.com/83282296> Acesso em: 13/04/2016.

..... Pag. 20

Figura 10. *John Lennon Rosa*, Fagner, Felipe, Mateus, Brasília - UnB, 2012. Fonte: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2012/05/na-unb-estatua-em-homenagem-john-lennon-e-pintada-de-rosa.html>

Acesso em: 13/04/2016. Pag. 22

Figura 11. Convite da exposição *Polícia Bandido Cachorro Dentista*. Espaço Piloto, Brasília - UnB, 2013. Fonte: arquivo pessoal Pag. 24

Figura 12. Objetos e desenhos criados para a exposição *Polícia Bandido Cachorro Dentista*. Espaço Piloto - UnB, Brasília, 2013. Fonte: arquivo pessoal Pag. 25

Figura 13. vídeo objetos criados para a exposição *Polícia Bandido Cachorro Dentista*. Espaço Piloto - UnB, Brasília, 2013. Fonte: arquivo pessoal Pag. 25

Figura 14. Composição criada a partir de lixo para a exposição *Charivari dos garis*. Casa de Cultura da América Latina, UnB - Brasília, Disponível em: 2013.<http://1.bp.blogspot.com/jTKEtFVIPno/VdTxDGZYol/AAAAAAAAAF70/XjkSSgbHCAM/s1600/enceradeiras%2Bna%2Bgrade.JPG> Acesso em 15/05/2016. Pag. 26

Figura 15. Composição criada a partir de lixo para a exposição *Charivari dos garis*. Casa de Cultura da América Latina, UnB - Brasília, 2013. Disponível em: http://1.bp.blogspot.com/-1NHDp6Wd0LI/ULZPRqMOzGI/AAAAAAAAACPg/uYxP4-YCAPE/s1600/IMG_4603%5B1%5D.JPG Acesso em: 15/05/2016. Pag. 27

Figura 16. Performance Grupo Empreza (GO), *Performance Corpo Política*. Rodoviária do Plano Piloto - Brasília, 2013. Disponível em: http://2.bp.blogspot.com/-TuGzP01mJao/U7H_zd3nJxI/AAAAAAAAAEVI/8c-7reHRAhw/s1600/a.jpg Acesso em: 15/05/2016..... Pag. 28

Figura 17. Performance Márcio Shimabukuro, *Performance Corpo Política*. Rodoviária do Plano Piloto - Brasília, 2013. Disponível em: [http://1.bp.blogspot.com/-mzTrPX_R490/U7H_K1xoBII/AAAAAAAAEUY/dZjQBOY1GM/s1600/Carina_Nebula_in_infrared_light_\(captured_by_the_Hubble_Space_Telescope\).jpg](http://1.bp.blogspot.com/-mzTrPX_R490/U7H_K1xoBII/AAAAAAAAEUY/dZjQBOY1GM/s1600/Carina_Nebula_in_infrared_light_(captured_by_the_Hubble_Space_Telescope).jpg) Acesso em: 15/05/2016.

Figura 18. Performance coletivo ES3, *Performance Corpo Política*. Rodoviária do Plano Piloto - Brasília, 2013. Disponível em: <https://4.bp.blogspot.com/-ZQABzaWU48I/Vw6BFIDcMLI/AAAAAAAAAG0M/fxWeKp7m1Wo8p47274Xh5VzfpBbqa3tWQCLcB/s1600/4.jpg> Acesso em: 15/05/2016..... Pag. 29

Figura 19. *La Ursa Bending*, Tubo de Ensaios. Instituto Central de Ciências, UnB, Brasília, 2013. Fonte: arquivo pessoal..... Pag. 30

Figura 20. Exposição, Fora d@ Eixo. Galeria espaço piloto, UnB, Brasília, 2013. Fonte: arquivo pessoal Pag. 31

Figura 21. Composição Urbana *kombeiro*, Corpos Informáticos, UnB - Brasília, 2012. Disponível em: https://3.bp.blogspot.com/-HAhba4681KI/Vw6BPwjo1vI/AAAAAAAAAG0k/5u7ekR8VhAskHI6VR/CQ0WttaupDSB_3-gCLcB/s1600/7.jpg Acesso em: 15/05/2016. Pag. 32

Figura 22. Composição Urbana *kombeiro*, Corpos Informáticos, UnB - Brasília, 2013. Disponível em: https://4.bp.blogspot.com/-WQZuGK5XqsY/Vw6BLuEmVuI/AAAAAAAAAG0c/mOX7Vbaoh8whYwKfF_69IOU4oBqs0uN7ACLcB/s1600/6.jpg Acesso em: 15/05/2016..... Pag. 33

Figura 23. Composição Urbana *kombeiro*, Corpos Informáticos, UnB - Brasília, 2011. Disponível em: https://4.bp.blogspot.com/-WQZuGK5XqsY/Vw6BLuEmVuI/AAAAAAAAAG0c/mOX7Vbaoh8whYwKfF_69IOU4oBqs0uN7ACLcB/s1600/6.jpg Acesso em: 15/05/2016. Pag. 33

Figura 24. *kombeiro*, Franciane Ferreira. UnB, Brasília, 2013. Brasília, 2011. Disponível em: <https://ownperceptions.wordpress.com/2013/03/12/kombeiro-corpos-informaticos/> Acesso em: 15/05/2016 Pag. 33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 PROCESSOS PRÁTICOS.....	10
1.1 <i>Encerando na Chuva</i>	10
1.2 <i>Mar(ia-sem-ver)gonha</i> <i>(M.S.V.)</i>	15
1.3 <i>15 anos de Body Arte</i>	17
1.4 <i>Carambolama, Carambola, Carambolando, Carambulante, Caralamba</i>	20
1.5 <i>John Lennon Rosa</i>	21
1.6 <i>Polícia Bandido Cachorro e Dentista</i>	23
1.7 <i>Charivari dos garis/PCP</i>	26
1.8- <i>La Ursa Bending, com Autonomia Duvidosa</i>	30
1.9- <i>Kombeiro C.U.</i>	31
2 REVENDO OS OITO Rs DA SUSTENTABILIDADE DE CAPELAS	35
3- DESABAFO.....	37
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

O presente ensaio discorre sobre os processos que compreendem algumas produções artísticas das quais fiz parte durante minha formação em Artes Plásticas (Licenciatura) na Universidade de Brasília e de seus desdobramentos enquanto aprendizados multidisciplinares existentes tanto planejamento dos processos como em descobertas únicas do lance, do ato.

Pretende-se, aqui, identificar alguns pontos onde o aprendizado se dá de forma empírica durante os processos e sua característica multidisciplinar. Fluídos do lance, do instante, encontrado na vivência, no compartilhamento com o outro durante processos artísticos.

A produção a ser analisada tem como cerne o trabalho efetuado junto ao Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos (GPCI) e as produções realizadas com os coletivos Tutameia e Autonomia Duvidosa e outras produções em grupo. Estes processos tem a característica de terem sido realizados em grupo e ter um viés performático e a característica de Composição Urbana.

Produções efetuadas em grupo implicam, de certa forma, trocas não hierárquicas e necessitam amálgama social e base de processos educacionais. Estes processos envolvem também o caráter técnico, voltado para as ferramentas de produção, e o caráter poético, voltado para as reflexões filosóficas.

1. PRÁTICAS, EXPERIÊNCIAS OU CICATRIZES

Esta primeira parte do trabalho descreve e analisa alguns processos artísticos os quais participei durante minha formação acadêmica.

1.1 - *Encerando na Chuva*

O Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos(GPCI)¹ é formado por estudantes, professores e técnicos em artes visuais e artes cênicas: graduação, mestrados e doutorandos. Os mais jovens em geral são bolsistas de Iniciação Científica. Fui bolsista de Iniciação Científica por três anos. A investigação do grupo caminha entre a filosofia, a arte e a vida. Um extenso trabalho prático/teórico permeia áreas como performance, fotografia, videoarte e eventos.

Meu ingresso no GPCI deu-se em outubro de 2011 e minha primeira participação foi em “*Encerando a Chuva*” (Figura 1, 2 e 3) na Candangolândia. Performei sem saber muito bem o que era performance ou seu conceito, trabalhei com o grupo sem compreender bem a ideia de coletivo. Note-se aqui a liberdade dada pelo grupo a novos integrantes em formular seus próprios conceitos, suas próprias interpretações. Onde ambos são agentes do processo:

“Educador e educandos (liderança e massas), co- intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá- la e, assim, criticamente conhecê- la, mas também no de re - criar este conhecimento.” (FREIRE, 1981, p.31)

Esta performance foi realizada pelo GPCI com dez pessoas reunidas, com dezessete enceradeiras vermelhas, um aspirador de pó, uma máquina de escrever. Aqui foi alugado um carro-pipa. A performance foi realizada durante o período da seca e sobre um canteiro com plantas sedentas. Choveu na seca.

¹ Atualmente o GPCI é formado pelos seguintes integrantes: Ayla Gresta, Bruno Corte Real, Bia Medeiros, Diego Azambuja, Gustavo Silvamaral, Jackson Marinho, João Stoppa, Maria Eugênia Matricarde, Mariana Brites, Matheus Opa, Natasha de Albuquerque, Rômulo Barros, Thiago Marques. Sites: <http://www.corpos.org/>, <http://corpos.blogspot.com.br/>, <https://vimeo.com/corpos> .



Figura 1. *Encerando a Chuva*, Corpos Informáticos, em Candangolândia- DF,2011.

Toda logística exigiu um estudo prévio, multidisciplinar que foi dividido organicamente entre o grupo: reconhecimento sócio/geográfico do *locus*, orçamento do carro-pipa, duração da chuva, locomoção dos membros dentre outros. Soma-se, divide-se, multiplica-se, se aprende com a troca, com a antecipação coletiva de uma ação: uma pedagogia que se baseia rizomática², que permite relações verticais e horizontais. Sem um delineamento entre as hierarquias internas e externas ao grupo. Percebe-se, aqui, a necessidade de concatenação dos membros do grupo, a capacidade de jogo coletivo, a capacidade de percepção do espaço, do tempo e do público.

Quase toda grande obra (fisicamente grande ou grande em complexidade técnica) é trabalho pluridisciplinar, interdisciplinar. Sendo assim, ela só pode ocorrer no seio de um grupo, onde cada individualidade traz sua especificidade, e aceita a promiscuidade. Promiscuo: a favor da mistura. (MEDEIROS, 2005, p.118)

² Conceito usado pelo GPCI, "rizoma" permite relações horizontais. Mar(ia-sem-ver)gonha. Composição Urbana: surpresa e fuleragem por Maria Beatriz de Medeiros e Natasha de Albuquerque.

Entrar no GPCI possibilitou-me, um outro, que se percebe “com”, que **reflete**, que se sente, **repassa**, troca e apropria-se das realidades dos demais **Responsabilizar-se** com o próximo. Os lobos, organizados em alcateia, são um exemplo de inteligência, dignidade e respeito para com os seus iguais. Não falam nem escrevem, mas se comunicam de diversas maneiras, são tão eficazes quanto a fala. Eles usam a linguagem corporal e uma enorme variedade de uivos e sons. A vida lupina gira em torno da alcateia. Assim demonstra Medeiros ao descrever o processo das relações dentro do GPCI.

Traçado na fuleragem do desvio, como detalhes de um processo artístico feito em alcateia denominada corpos informáticos que ativa, na prova dos nove. o que se sente é o corpo fazendo política, performance, jogando pique-bandeira, inserindo parafernália. Este processo se inicia em 1992. (MEDEIROS, 2011, p.13)



Figura 2. *Encerando a Chuva*, Corpos Informáticos, Candangolândia- DF, 2011.

Na performance pude perceber o quanto precisamos apreender no tempo átimo. Aprender a aprender. Não é de negar os ganhos com a possibilidade da antecipação, mas um reconhecimento à (im)possibilidade do instante. Há descobertas que se mostram possíveis apenas no ato. No desdobrar dos corpos presentes em determinado espaço tempo: Problemáticas nativas do instante, do lance, das inter-relações do momento.

A performance, vista pelo grupo não mais como performance ou arte, mas sim como fuleiragem. A performance descrita no dicionário tende a ser rendimento. A fuleiragem por sua vez não se resume a medir rendimentos, a estabelecer valoração, ela permite fugir às convenções das instituições da arte ou da escola. Assim, nos deparamos com as ideias de Illich, onde “podemos fornecer ao aprendiz novas relações com o mundo, em vez de continuar canalizando todos os programas educacionais através do professor.”(ILLICH,1985, p.84)



Figura 3. *Encerando a Chuva*, Corpos Informáticos, Candangolândia- DF, 2011.

A performance não necessita de dinheiro ou de materiais caros, se faz com o que se tem. Isso não reduz sua potência. Ao contrário, sua potência pode estar na simplicidade de questionar, informar, difundir, confundir, refletir, (com)partilhar. Então enceramos a chuva na intenção de sua subjetividade ou de sua propriedade iterativa³.

Encerando a chuva como, ocasião, jogo, brincadeira ou como fuleragem, não se propõe iterativa, pois já é, por natureza, iterativa e, assim, também se faz mixuruca⁴, efêmera. O outro não é inanimado: a autonomia do transeunte/espectador/participante, do outro e seu autogoverno deságua no inesperado. Posto a lógica da iteração, as intenções podem fugir à vontade do performático. A performance se baseia nas relações com o corpo, com a vida, sem cortes. Mesmo a tentativa da antecipação se sujeita ao acaso, ao risco: **Coefficiente de arte**(DUCHAMP). A performance com descrita aqui é se permitir errante:

As palavras calam, os tendões escoam para fora dos limites da pele. Nem sempre resultado resulta. No entanto, a vida ocorreu, performance. Relaxo, lapso de silêncio, no mundo desobstruído. Bolhas de prazer e mente esvaziada. Provar o duro, por oposição ao doce da linguagem. (MEDEIROS, 2011, p.15)

A performance, que tem o corpo como agente da ação, trabalha com uma linguagem, quiçá, comum a todos. O ser humano, em sua comunicação primeira, ao longo de sua transformação na terra se valia do corpo e seus artificios, para se comunicar. Expressão corpórea, sobrevivência. O corpo é um tecnológico composto de expeções, capazes, potentes.

Quem se não o corpo? Corpo que todos temos. Essa percepção nos foi esquecida: A lucidez de uma consciência do corpo e sua capacidade de modificar o espaço, de construir a própria realidade. Talvez seja, por ele, que cada um chegará, à consciência dos outros, de seus semelhantes de si.

³ Conceito usado pelo GPCI, participação e possibilidades.

⁴Palavra usada pelo GPCI para substituir efêmero.

1.2- Mar(ia-sem-ver)gonha (M.S.V.)

Outro processo a ser analisado é o da construção de uma Composição Urbana(C.U.), denominada *Mar(ia-sem-ver)gonha* (M.S.V.). Trata-se de uma pintura de cento e cinquenta metros de comprimento por seis metros de largura sobre o asfalto situado na L4 norte entre o “Beijódromo” da UnB e o IBAMA. Essa Composição Urbana só pode ser vista do alto, isto é, por drones, helicópteros, aviões, ou câmeras acopladas a balões de festa infantil cheios de gás hélio.



Figura 4. Composição Urbana *Mar(ia-sem-ver)gonha*(MSV), Corpos Informáticos, Brasília, UnB, *Kombeiro*, 2012.

Esse foi um dos desdobramentos deste trabalho. A ideia era filmá-lo, porém, não possuíamos formas de filmagem tecnológicas de alto custo. Então, a forma foi adequar o pretendido ao possível. Inicialmente procurou-se qual o cálculo matemático para saber quantos balões são necessários para levantar uma câmera. Pesquisa técnica de quantos balões usar, como proteger a câmera, a estética do suporte que **reutilizava** materiais do lixo, que foi construído para acoplar a câmera em formato de Kombi, pois, como veremos posteriormente, o GPCI possui uma composição urbana com sete kombis além de ter realizado diversos trabalhos com kombis.



Figura 5. Composição Urbana *Mar(ia-sem-ver)gonha(MSV)*, Corpos Informáticos, Brasília, UnB, Kombeiro, 2012.

Note-se aqui a capacidade criativa instigada pela condição financeira e pela carência de recursos. Uma proposta como esta com sua característica transdisciplinar permite a exploração de várias áreas do conhecimento e se constitui como uma forma lúdica de brincadeira, que diverge dos padrões institucionalizados de ensino.

Pintura coletiva, corpo grupo, 150 metros: potência da alcateia, corpo modificando o espaço ou simplesmente um bando de maria-sem-vergonhas. **Reflexão:**

Nós propomos o conceito de “Maria-sem-vergonha”, que faz rizoma quando seus caules, pesados de flores, prostram-se sobre a terra, mas também produz cápsulas herbáceas que explodem, espalhando sementes mínimas. Assim, a Maria-sem-vergonha é árvore e rizoma simultaneamente. E por conter “ia-sem-ver”, ela privilegia todos os sentidos, retirando o valor da visão dado pela arte desde há muito. A performance envolve a totalidade dos sentidos: corpo, perfume, tato, toque, som, movimento, o outro etc. (MEDEIROS, PERFORMANCE ARTÍSTICA NO VIVO E AO VIVO, 2009)

1.3 15 anos de *Body Arte*

Em 2012, fomos convidados a participar da exposição *ZMário 15 anos de Body Arte* e performance (José Mario Peixoto) na galeria ACBEU, Salvador. Lá foram realizadas as seguintes performances:

- *Kombunda vai à praia*. (Imagem de quatro metros por um metro e meio).

Kombunda é uma fotografia que foi tirada de forma espontânea e que tornou-se um símbolo do grupo. São seis bundas na janela de uma Kombi amarela sem rodas. É pura fuleiragem: fazer bundalelê é brincadeira de criança, no entanto, é uma forma irônica de questionar, ridicularizar.



Figura 6. *Kombunda vai a praia*, *Corpos Informáticos*, Salvador, Bahia, 2012.

-kombunda no show de Gabi Amarantes

Aqui nesta performance pretende-se conexão, ser organismo enquanto sociedade. Trocar entre as diversas artes presentes nos diferentes *locus*. Gabi Amarantes é uma representante da cultura do norte, da musicalidade do pop brasileiro. Fomos em busca de troca, contaminação, com essa cantora, com o povo baiano.



Figura 7. *Kombunda vai no show de Gabi Amarantes*, Corpos Informáticos, Salvador, Bahia, 2012.

-Desfile com enceradeiras da Av. sete de setembro até o elevador Lacerda

Com enceradeiras, andamos do ACBEU, no corredor da Vitória, descemos a ladeira do Largo dos Aflitos, até a beira-mar onde, exaustos, pedimos carona a um caminhão vermelho e fomos atendidos gerando novamente unidade coletiva: enceradeiras vermelhas, performers vestidos de vermelho sobre caminhão vermelho. Potência.

Note-se, neste e nos outros trabalhos analisados, a criação de rede com artistas que trabalham com performance, o como estamos **repassando** com interligação gerada. Teia tramada. Possibilidade que Illich aponta como forma de tornar a sociedade menos dependente de suas instituições de ensino, propondo uma educação em rede.

A mais radical alternativa para escola seria uma rede ou um sistema de serviços que desse a cada homem a mesma oportunidade de partilhar seus interesses com outros motivados pelos mesmos interesses.[...]Qualquer pessoa, em qualquer momento e por um preço mínimo, poderia identificar-se em um computador dando-lhe endereço, número telefone e indicando o livro, artigo, filme ou gravação sobre os quais gostaria de discutir com um parceiro qualquer. Dentro de poucos dias poderia receber pelo correio uma lista de outras pessoas que, recentemente, tomaram a mesma iniciativa. Com esta lista, poderia combinar, por telefone, um encontro com pessoas que, a princípio, se tornariam conhecidas apenas pelo fato de terem procurado um diálogo sobre o mesmo assunto. (ILLICH, 1985, p.163)



Figura 8. *Desfile com enceradeiras*, Corpos Informáticos, Ladeira do Largo dos Aflitos, Bahia, 2012.

Corpos Informáticos trabalha partir de Brasília, no entanto, tem feito muitas ações em outras cidades: Natal, Maceió, Salvador, Rio de Janeiro, Petrópolis (RJ), São Paulo, Campinas (SP), Goiânia entre outras.

1.4- *Carambolama, Carambola, Carambolando, Carambulante, Caralamba.*

Outro trabalho de origem na vivência do GPCI foi o vídeo/performance *Carambolama, Carambola, Carambolando, Carambulante, Caralamba*. A ideia surgiu durante um processo de construção de uma composição urbana onde plantávamos enceradeiras e plantas(carambola, jaca, milho, feijão e marias-sem-vergonha) no Kombeiro na L4 norte.



Figura 9. *Carambolama, Carambola, Carambolando, Carambulante, Caralamba.*, Corpos Informáticos, Brasília, UnB, Kombeiro, 2014.

Esta vídeo/performance de sete minutos foi gerado de uma proposta espontânea: dois performers tomam banho na lama que corria depois de uma chuva torrencial. Ele foi filmado com a câmera na mão em uma só tomada pelo bolsista do ensino médio Fabrício Araújo.

A alternativa para nossa dependência das escolas não é o uso dos recursos públicos para algum novo propósito que “faça” as pessoas aprenderem; é antes a criação de um novo estilo de relacionamento educacional entre o homem e seu meio ambiente. Concomitantemente com a promoção deste estilo, devem mudar as atitudes para com o crescimento, os instrumentos da aprendizagem, a qualidade e estrutura da vida cotidiana (ILLICH,1985, p.84)

Esse entendimento direciona os olhares para a performance que passa a ser um conteúdo programático favorável ao ensino da arte na escola, tendo em vista a sua identidade de ser uma atividade processual e, não necessariamente, a elaboração de um produto final.

Nas instituições educacionais convencionais são impostos conteúdos e padrões que se enquadram na ordem estabelecida. Logo, trabalhar com performance é abrir possibilidades de ações críticas, questionadoras que podem dialogar com o padrão de educação existente, dominadora e opressora. Colocar a liberdade de pensar e agir em foco como alternativa para a formação cidadã. Nesse sentido, a performance pode ser enquadrada ao perfil de uma outra escola, diferente, aberta e prazerosa.

1.5- *John Lennon Rosa* maio de 2012 **refletir** (é vandalismo ou não é?)

A ação *John Lennon Rosa* se deu na forma de ataque coletivo agenciado, eu, **Fagner e Felipe**, estudantes de Artes Plásticas na UnB tiveram a ideia de homenagear as mulheres. Pensamos em pintar o John Lennon, lembramos que ele era pouco visível aos olhares dos transeuntes.

Felipe comprou a tinta. Nos encontramos no domingo. Pincéis em mãos, tinta na “obra”, no John. Rosa, pela criminalização que a sociedade impõem sobre uma cor, toda carga patriarcal nela impresso, impregnado por convenções sociais machistas e homofóbicas.

No ato um segurança do Restaurante Universitário (R.U). Trouxe consigo um grito:

_ Parados, flagrante, peguei vocês! Vocês pintaram a estátua? Podem ficar aí! Eu vou ligar para segurança.

Felipe logo afirmou:

_ Calma senhor, agente é do Instituto de Arte, estamos fazendo um trabalho!

O senhor se desarma após se deparar com a arte e branda sua expressão de indignação. Após a fala do Felipe logo eu disse:

_ Essa tinta é biodegradável! Ela vai sair na primeira chuva. Estamos aqui fazendo um trabalho artístico em homenagem ao dia das mulheres.

Mais relaxado e até esbanjando um sorriso logo respondeu às identificações dizendo:

_ Nossa, eu tava achando que era vandalismo. Mas na verdade é arte!



Figura 10. *John Lennon Rosa*, Fagner, Felipe, Mateus, Brasília, UnB, 2012.

Então fomos liberados pois tínhamos o aval da arte. No outro dia, outro ensinamento cabal. Eis que surge, do risco, o estereótipo do vandalismo, do sensacionalismo da mídia: em nota o portal G1, o Correio Brasiliense, ao falar da Composição Urbana que realizamos a denominou de vandalismo.

Localizada próximo ao Restaurante Universitário da Universidade de Brasília, a estátua de John Lennon foi alvo de vandalismo mais uma vez. O monumento em homenagem ao ex-Beatle está totalmente coberto por tinta rosa e apresenta alguns cortes. A obra foi doada à instituição em 1995 e é de autoria de Ivana Mendes de Moraes Duvivier. Segundo a instituição, houve outras ocasiões em que a escultura foi vítima do mesmo problema. (<http://g1.globo.com>, 2012)

A estátua em homenagem ao ex-Beatle John Lennon, localizada na Universidade de Brasília (UnB), foi novamente alvo de vândalos. (www.correiobraziliense.com.br, 2012)

Com um viés contrário ao da grande mídia, O Miraculoso, jornal de produção alternativa, descreve um outro espaço que não o do vandalismo, da degradação do patrimônio publico, mostra que estética e historicamente se trata de arte, se trata de liberdade de expressão, protesto, mensagem, grito travado retirado no ato de construir uma cidade

participativa e reflexiva que compõe e decompõe juntas e conscientes da sua participação na construção da sociedade.

“Nós deveríamos, universitários e brasilienses, diariamente nos perguntar: “o que diabos está a fazer uma estátua do John Lennon (1940-1980) no campus da UnB? [...] Há um problema fundamental com essa estátua, um problema de concepção. Para mim, as palavras “estátua” e as do nome desse grande e rebelde artista não andam juntas, por princípio. Estátua, do meu ponto de vista, se fazia, em Roma, para retratar autoridades, pessoas vetustas, severas, cheias daquela autoridade arcaica e rancorosa. Estátua se fez de gente como Julio Cesar, de Napoleão Bonaparte, do nosso General Deodoro, de gente de outro tempo. Se há um troço absolutamente anacrônico é uma estátua de uma pessoa que simboliza o EXATO OPOSTO dessa turma da estatuária “das antigas”.” (MIRACULOSO Frederico Flósculo Pinheiro Barreto).

Pensemos, então, o quanto uma simples ação pode nos dar possibilidades de pesquisa. Sobre os comportamentos sociais e como ela, reage perante determinadas situações. Podemos adentrar nas entranhas sociais, contaminando. A arte como contra cultura, como oposição aos conceitos banais e colonizadores ou como mistura. Processo educativo co-labor-ativo.

1.6- *Polícia Bandido Cachorro Dentista*

A exposição *Polícia Bandido Cachorro Dentista* foi realizada no Espaço Piloto com Márcio Mota, Fernando Aquino, Jackson Marinho e eu, em 2013. A proposta foi preencher o espaço com **reutilização**: nossos próprios trabalhos poucos valorizados, elementos encontrados da rua (pedaços de madeira, ferramentas, telha de amianto, tijolo, rádio velho, bota de trabalhadores descartadas, plantas de arquiteturas no lixo): impregnados de fragmentos da cidade instrumentos de alpinismo, ourivesaria, política, carpintaria e administração de pessoal. Foram convidados também o Talo de Mamona (banda independente do DF).



Abertura: 05.02.2013 às 19h . Galeria Espaço Piloto UnB
 Visitação: 06.02 a 19.02.2013 de segunda a sexta, de 9h às 19h aos sábados, de 9h às 13h

Ed de Oficinas Especiais Bloco A Campus Universitário Darcy Ribeiro
 Informações: 3107-1270

Figura 11. Convite da exposição, *Polícia Bandido Cachorro Dentista*. Espaço Piloto, Brasília, UnB, 2013.

O ponto que nos uniu aqui foi a arte: um centro, algo em comum, que nos fortalece, gerando assim uma rede de pessoas com pesquisas em arte e aprendizado mútuo.

À medida em que se propõe trabalhar em grupo, misturam-se as diversas características do um no outro e do outro no um, emerge um nós. Em uma investigação em grupo, onde o jogo dos corpos constroem o caminho, os desdobramentos fluem de caso ou no acaso, pela vivência ou na desobediência. Sim, de acordo com o resultado da liquidificação da carga histórica/psico/emocional de cada um.

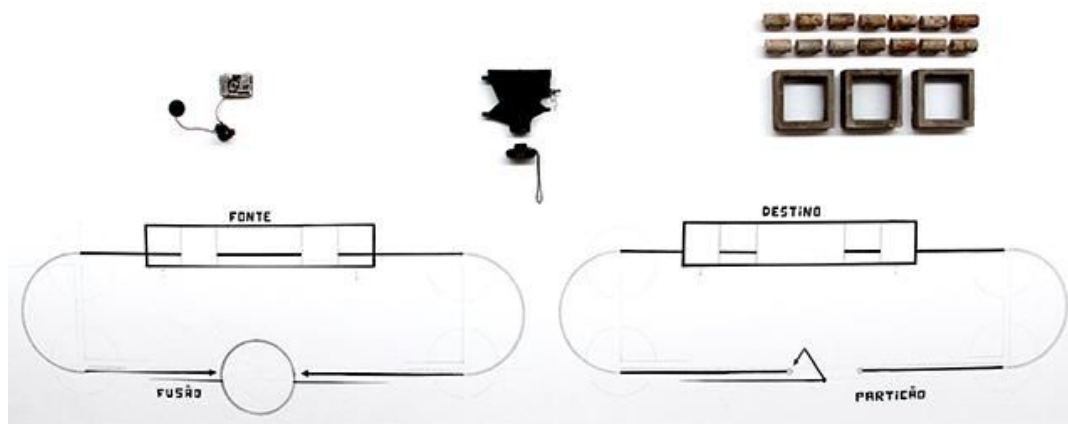


Figura 12. objetos e desenhos criados para a exposição *Polícia Bandido Cachorro Dentista*. Espaço Piloto, UnB, Brasília, 2013.

A multidisciplinaridade se reinventa de modo a funcionar randomicamente na medida em que o problema/conteúdo surge e que a procura continua em grupo. A arte nos une e nos joga em um liquidificador, o grupo, com casca e tudo. Daí se fundem ou se confundem: as questões relativas à óptica carregada por uns, a geometria e a guerra presente na carne do outro ou o conhecimento em Vídeo Mapping e WebArte, o saber fazer o café ou o suco de laranja. Todos levam em si a experiência do processo.



Figura 13. vídeo/objetos criados para exposição *Polícia Bandido Cachorro Dentista*. Espaço Piloto, UnB, Brasília, 2013.

1.7- *Charivari dos garis* e evento Performance Corpo Política (PCP)

Em processo de criação o Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos propôs, em 2013, o “Charivari dos garis”, exposição cuja característica também era trazer o lixo de casa e da rua. Participaram Aduino Soares, Bia Medeiros, Camila Soato, Cecília Mori, Diego Azambuja, Fernando Aquino, Júlia Milward, Márcio Mota, Maria Eugênia Matricardi, Mateus de Carvalho Costa, Moisés Crivelaro, Naura Timm, Polyanna Morgana, Renato Rios e Rodrigo Cruz. A exposição aconteceu durante o evento Performance Corpo Política (PCP) na Casa de Cultura da América Latina (CCAL), UnB.



Figura 14. Composição criada a partir de lixo para a exposição *Charivari dos garis*. Casa de Cultura da América Latina, UnB, Brasília, 2013.



Figura 15. Composição criada a partir de lixo para a exposição *Charivari dos garis*. Casa de Cultura da América Latina, UnB, Brasília, 2013.

Este evento, Performance Corpo Política - PCP, foi organizado pelo GPCI e contou com os seguintes artistas: Grupo Empresa (GO), Luara Learth, Márcio Mota e Jackson Marinho, COLETIVO ES3, Pâmela Guimarães, Malu Fragoso (UFRJ, Rio), Lilian Amaral(Unesp,SP), Maria Thereza Azevedo (UFMT, MT), Alex Topim, Márcio Shimabukuro (SP-MG), Fernando Villar (DF), Fernando Ribeiro (PR), representante do Grupo FILÉ DE PEIXE (RJ), Larissa Ferreira (DF), Zmário (BA), Corpos Informáticos, Lilian Amaral. Além deste, foram realizados outros PCPs, que estão registrados(foto/video/texto) no site: www.performancecorpopolitica.net.



Figura 16. Performance Grupo Empresa, Performance Corpo Política. Rodoviária do Plano Piloto, Brasília, 2013.



Figura 17. Performance Márcio Shimabukuro, Performance Corpo Política. Rodoviária do Plano Piloto, Brasília, 2013.



Figura 18. Em performance COLETIVO ES3, Performance Corpo Política. Rodoviária do Plano Piloto, Brasília, 2013.

O evento Performance Corpo Política pretende estimular, além da prática artística um troca teórica através de palestras e também, o intercâmbio entre as diversas regiões do país, além de propor uma reflexão sobre as interferências do ambiente externo, que mescle corpo, coletivo, cidade e política. Com as ações realizadas pelos colaboradores e artistas, podemos pensar em:

Um bom sistema educacional deve ter três propósitos: dar a todos que queiram aprender acesso aos recursos disponíveis, em qualquer época de sua vida; capacitar a todos os que queiram partilhar o que sabem a encontrar os que queiram aprender algo deles e, finalmente, dar oportunidade a todos os que queiram tornar público um assunto a que tenham possibilidade de que seu desafio seja conhecido. Tal sistema requer a aplicação de garantias constitucionais à educação. Os aprendizes não deveriam ser forçados a um currículo obrigatório ou à discriminação baseada em terem um diploma ou certificado. Nem deveria o povo ser forçado a manter, através de tributação regressiva, um imenso aparato profissional de educadores e edifícios que, de fato, restringe as chances de aprendizagem do povo aos serviços que aquela profissão deseja colocar no mercado. E preciso usar a tecnologia moderna para tornar a liberdade de expressão, de reunião e imprensa verdadeiramente universal e, portanto, plenamente educativa. (ILLICH, 1985, p.86)

1.8- *La Ursa Bending* com Autonomia Duvidosa

Em setembro de 2013, participei, com o coletivo Autonomia Duvidosa, composto por Victor Valentim, Filipe Augusto, Aníbal Alexandre, Jackson Marinho e Kalil Alencar, do evento *Tubo de Ensaio*. Ganhamos um projeto enviado ao evento, que tinha como foco produções experimentais da cena contemporânea na arte brasileira.



Figura 19. *La Ursa Bending*, Tubo de Ensaios. Instituto Central de Ciências, UnB, Brasília, 2013.

O outro, pode nos mostrar, algo que não esperamos. A mistura de conhecimento gerada, na troca, se demonstra altamente capaz de gerar conexão entre diversas disciplinas. Fizemos uma C.U. que abarcava conhecimentos diversos como performance, eletrônica, projeção mapeada, programação computacional e cultura popular. Anteriormente participamos da oficina de *circuit bending*(circuito eletrônico capaz de gerar ondas sonoras) que aconteceu na UnB, oferecida pelo LAB/UnB⁵. Desta oficina aproveitamos o circuito para compor a máscara da *La Ursa*(personagem do carnaval do Recife).

A ação foi, primeiramente, apresentada no ICC, durou cerca de 3 horas. Aqui houve grande participação do público: iteração. As *Laursas Bending* concebidas neste trabalho foi apresentado, ainda na exposição do evento *Fora d@ Eixo*, no salão independente do Centro Acadêmico de Assistência Estudantil (CASSIS), 2015. **Refletimos** sobre cultura, a **Repassamos**. Participações dos transeuntes, que colocavam a máscara e brincavam. **Reciclagem** é fato do ato.



Figura 20. Exposição, Fora d@ Eixo. Galeria Espaço Piloto, UnB, Brasília, 2013.

⁵ Laboratório de pesquisa em arte e tecnologia coordenado pela Prof. Suzete Venturelli - UnB.

1.9- Kombeiro C.U.

O *Kombeiro* é uma C.U. com varias kombis personalizadas, com arvores plantadas em suas aberturas, localizada ao lado da M.S.V. na Universidade de Brasília. A ideia do GPCI teve origem em 2010, foram preparadas kombis(lixadas, pintadas e amadas).

Ao conhecer as kombis do GPCI vi que as mesmas não são um ato de contra-cultura, se fazem confundir por se decomporem de sua função uterina, de sua função usual de ser veículo, de ter rodas, de sua performance enquanto máquina fluidora do movimento louco-motor.

Uma kombi "deveria" estar levando e trazendo coisas, andando sobre asfaltos. Aqui, a kombi é parte da paisagem, é o lúdico no caminho dos que por ali passam. É vestígio dos corpos que a retiraram do privilegio do abandono em que se encontravam, empilhadas num ferro-velho. Recriaram-se, com tinta. Redescobriram-se, na pesquisa, na lixadeira. Como possibilidades outras dentro de uma sociedade programada e normativa.



Figura 21. *Corpos Informáticos, Kombeiro, UnB, Brasília, 2012.*

A sociedade vive em um cotidiano involuntário. O processo de aprendizagem se dá com hora marcada, o café da manhã, o ônibus, a escola, o trabalho. Uma rotina estipulada por terceiros. Inventam-se convenções sociais que delimitam horários para o corpo. O corpo tem-se fome em alguns designados momentos, 10:15 hora do recreio. Aprender a arte ou

outros conteúdos, tem seu momento estabelecido por outros que não ocupam e nem dominam a máquina orgânica individual, o corpo.

Corpo que soa, que quer transpir-ação, SENTE, calafrios, composição e decomposição de si, do meio do outro. Do todo. Conhece reconhece, copia e melhora. Junta técnicas, tecnologias, com amor, com dor em justiças beligerantes exploradoras, colonizadoras das mais boas intenções. Liquidificador tem motor, moto, avião, Kombi, bomba d'água, homem bomba. O homem já se faz motor, maquínico.

Quantos conhecimentos não existem por traz de uma maquina. Afinal, para que são usados? A Kombi foi servil ao transporte de armas e soldados na segunda guerra mundial. Depois essa máquina, cheia de tecnologias, se adequou à lógica do capitalismo, tornou-se objeto de consumo. Transporta civis, faz lotações(transporte pirata?), mudanças, leva pato e galinha.



Figura 22. *Kombeiro*, Corpos Informáticos, UnB - Brasília, 2013.

Desconstruir, ao brincar com a contra função ou não função usual das máquinas, das coisas, a C.U., composição urbana, o *Kombeiro*, foi concebido, em coletivo, pelo GPCI. Antes a kombi brigava na guerra, agora desfruta a relação física do tempo em sua matéria inorgânica.

A ação da chuva, H₂O. A ferrugem, a relação com as plantas, a terra e os seres vivos, todos orgânicos. Quem passa repara, tira foto pro book de 15 anos, para o casamento. É abrigo de passarinho. Compõem e decompõem, refletem, dialogam.



Figura 23. *Kombeiro*, Corpos Informáticos.UnB - Brasília, 2011.



Figura 24. *Kombeiro*, Fotos: Franciane Ferreira. UnB - Brasília, 2013.

"Não importa o que sabemos mas o que fazemos com o que sabemos" (FREIRE,1981)

2- Revendo os oito Rs da sustentabilidade de CAPELAS podemos dizer em relação a arte:

O meio ambiente, a fauna e flora são tratados como produtos econômicos, como coisas. Atualmente existe criança acreditando que o leite vem da caixinha. Nossas práticas, em grande maioria, não reconhecem nosso meio ambiente e nossa origem.

Um pensamento sustentável é de fundamental importância em todas as práticas humanas. A arte, a meu ver, não deve esquecer do meio ambiente. Afonso Capelas Jr. nos alerta sobre o outro lado da moeda essencial para um planeta mais sustentável. Não apenas a indústria está por trás das práticas que vem devastando cada vez mais o meio ambiente, mas também o nosso modo de vida é gerador de demanda. “Sem dor, sem chatice, sem imposição, mas com a consciência de que não vivemos mais a era do desperdício.” (CAPELAS, 2011)

Capelas Publicou um *post* onde coloca trez "Rs" que resumem o consumo consciente: **Reduzir, Reutilizar, Reciclar**. Com o tempo foram criados mais cinco. Os oito "Rs" da sustentabilidades aqui abordados de modo a levar um pouco de pesamento sustentável para as práticas artísticas. Uma sociedade que pense arte e sustentabilidade se demonstra necessária.

Refletir: esse “R” se remete à lembrança de que qualquer ato de consumo causa impactos na sua vida, na sociedade, nos seres vivos e no planeta, e nós devemos procurar potencializar os impactos positivos e minimizar os negativos. Dentro da arte educação, por exemplo, poderia se pensar os ensinamentos adquiridos da realidade social e da condição material do estudante.

“A primeira característica dessa relação é a de refletir sobre este mesmo ato. Existe uma reflexão do homem face à realidade. O Homem tende a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Assume a postura de um sujeito cognoscente de um objeto cognoscível. Isto é próprio de todos os homens e não privilégio de alguns(por isso a consciência reflexiva deve ser estimulada: conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade).”(FREIRE,1979, p.30)

Reduzir- É evitar desperdícios de produtos, serviços, água e energia. Reduzir o consumo supérfluo. Reduzir a quantidade de informação em prol da qualidade da visão crítica. Pensar alternativas de processos artísticos que demandem menos produtos industriais.

Reutilizar- Reutilizar materiais, livros, celulares e enceradeiras. As pecas de celular podem se tornar objetos de arte, C.U., assim como faz o Grupo de Pesquisa

Corpos Informáticos, Tutameia, com esse pensamento se deu o processo de montagem das exposições *Polícia Cachorro Bandido Dentista* e no *Charivari dos Garis*, a C.U. *Kombeiro* do GPCI.

Reciclar – Separar nosso lixo, enviar a locais adequados pilhas ou outros materiais que não podem ir para o lixo comum. Em todos os eventos, as exposições feitas limpamos a sujeira que fizemos. Porém podemos direcionar melhor nossos lixos produzidos para o lugar devido, específico de cada material que usamos nos processos artísticos. Podemos, ainda, utilizar materiais perecíveis.

Respeitar- Acabar com o bowling, o abuso do poder, fruto das hierarquias sociais. Tentar ir de encontro ao próximo respeitando suas posições e ideais.

Reparar- Reparar mais na natureza, no funcionamento da própria sociedade e suas entranhas. Reparar em nossos próprios atos. Reparar que, nós, nosso corpo, é quem constrói a cidade, a sociedade. Reparar em nossos outros sentidos e suas potências. Reparar nos colegas em sala de aula, procurar reparar o que dizem(sem falar) os outros, a natureza, o vento.

Responsabilizar-se- Responsabilidade é qualidade de responder por atos próprios ou alheios ou por algo que lhe é confiado. Responsabilizar-se por uma sociedade mais participativa que permita compor e decompor.

Repassar- Multiplicar o conhecimento adquirido aos outros. Repassar para as pessoas algo que faça diferença na vida delas, conhecimento, informações, cultura, na internet, na rua, em casa, em performance ou na C.U.. Isto é próprio da educação, assim como, da arte-educação e do trabalho em grupo.

3- Desabafo

PRIMEIRAMENTE FORA TEMER.

A sociedade se encontra anômica, suas estruturas internas que servem aos privilegiados e cria “opressores e oprimidos”. Imersos na perpétua existência, na réplica dessas estruturas, volução. Eterno Retorno. Formulam-se leis que existem apenas para serem aplicadas aos pobres. Vanderlei Costa⁶, em performance na rodoviária, no PCP (2015), caminhava com sua indumentária dizendo assim: “*pro pobre caroço, pro rico a poupa, pobre caroço, polpa rico*”(COSTA, 2015).

Aprova-se a terceirização do trabalho com o terço na mão, pela família. Aprovações de leis que favorecem somente o grande capital. Golpes nos mais pobres que vêm do grande empresariado, as grandes corporações, os ricos.

A indústria, mata polui. Nós? Cativos, consumimos, geramos demanda e mais lixo. Criamos privilégios: ser branco, Hétero normativo, cristão, filho da família tal. Isso são sintomas também da patologia social, cultural. Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia do Oprimido*, nos alerta que o oprimido pode também exercer em si o opressor(FREIRE,1981). A sociedade, em sua maioria, oprimida também é, em maioria opressora. A réplica de um pensamento colonizador continua moldando uma sociedade opressora.

A realidade apresenta mais sintomas: violência, stress, depredação. Suicídio, mortes. Isto está ai presente no dia a dia da sociedade, racismo(quantos negros morrem nos morros todos os dias?). Sociedade do medo, diz o artista plástico, do Rio de Janeiro, Eduardo Marinho, medo de perder o emprego, de ser assaltado, medo de não ser bem-sucedido, medo. (MARINHO, 2013).

Vivemos em uma sociedade que não se entende e se julga com falsos moralismos. Também há uma enorme falta de humanismo no ser, com o outro e consigo mesmo. Falta amor, entendimento com seu próprio meio. Falta de compreensão da natureza e suas linguagens. Estamos completamente imersos em um ideal *eucêntrico (sic)*, religioso, corrupto.

⁶ Vanderlei Costa é artista performático de Brasília

Atitudes conscientes não ganham o apoio devido, como as ocupações das escolas em São Paulo, contra o fechamento de escolas. Os jovens Secundaristas é que estão tomando a frente. Uma juventude politizada que luta para prender políticos ladrões de merenda. E a polícia como método de lidar com os jovens para desapropriar as escolas, espanca-os. Estes lutam por um processo de Ensino-Aprendizagem mais digno e justo.

Paulo Freire um dos maiores pensadores contemporâneos, também lutava por um ensino-aprendizagem mais justo. Ele é autor do livro *Pedagogia do Oprimido*, terceira obra mais citada do mundo em trabalhos de ciências humanas. Ainda sim, mesmo com seu histórico intelectual, órgãos do governo(ilegítimo) tiveram a cara de pau de alterar a biografia do educador na Wikipédia, acrescentando calúnias como a acusação de “doutrinação marxista” e tido como o responsável por uma educação “atrasada, doutrinária e fraca”.

O fato é que todos os dias milhões de pessoas saem de casa para trabalhar oito ou mais horas, provavelmente fazendo a mesma função durante anos para se aposentar com baixos salários. A escola nos impõem a rotina, a obrigatoriedade de pagar nossas contas ou chegar em horários impostos, nos ensina a sermos cativos e a replicar o pensamento colonizador.

Nosso movimento não nos permite sermos autossustentáveis. A lógica dos sistemas não deixa aventureiros que queiram viver fora dele: se eu quisesse, agora, me tornar autossustentável e me permitir uma vida de subsistência, teria eu possibilidade me estabelecer em algum lugar geográfico no Brasil que não fosse em uma propriedade privada ou uma floresta (pode ser APP, reservas e não se entram sem autorização)? O que resta aos que escolhem outro que não a normativa social que é viver como sombras frustradas ou possivelmente se encontrar sendo morador de rua.

Em uma sociedade que sustenta a desigualdade através dos seus aparelhos ideológicos, como posso esperar qualquer tipo de mudança sendo que em média mais de vinte milhões de brasileiros estão assistindo a Rede Globo e achando tudo lindo sem averiguar a procedência das informações? Estamos fadados a uma mídia sensacionalista e manipuladora, por isso temos que aprender a **refletir**, a **repassar**. A internet se tornou muito mais fácil a obtenção de outros meios de informações, com o

crescimento de várias articulações das sociedades, mídias independentes.

A teia educacional proposta por Ivan Illich (1985) se tornou mais viável com a internet, tablets, smartphones. Essa tecnologia, que cresceu rapidamente nas últimas décadas a modo de aumentar nossa comunicação e difusão das informações, tornou viável o apontamento do autor para uma ferramenta capaz de universalizar o conhecimento e torná-lo acessível a muitos. Mas ainda temos a manutenção de valores da sociedade do capital, onde muitos por baixa condições financeiras, ainda não têm acesso à nuvem, aos equipamentos necessários para entrar na internet. Temos a tecnologia para a solidificação do acesso à internet e formação de uma teia educacional que abarque a sociedade como um todo. Mas ainda vivemos em tempo de oprimidos e opressores. A desigualdade reina.

Uma sociedade onde tem gente que acha bonito bater em mulher, onde chamam de humor a prática bowling, o humor negro. Por que negro? Questões raciais perduram e estão enraizadas na cultura. Podemos nos tornar conscientes das realidades sociais que esmagam homens. Das estruturas que propagam a repetição e normatização dos mesmos padrões sociais, das violências e desigualdades.

Há uma urgência em ascender uma consciência mais humanizada, buscar um reconhecimento de si no coletivo. E não vejo outra forma que não seja no convívio, na experiência do próprio corpo e toda sua potência para derrubar os privilégios sociais de forma prática. Residir no, e não, resistir ao outro.

Conclusão

Levando em consideração o espaço/tempo no qual estamos inseridos, um sistema capitalista de perfil completamente competitivo e individualista, em uma era tecnológica e digitalizada que em nuvens virtuais se lançam em rede. As relações sociais e o próprio corpo são esquecidos ou deixados em segundo plano. Indo contra esse fluxo o trabalho em grupo fortalece as relações sociais, a **reflexão**, a **redução** e a **responsabilidade**.

A máquina social, o rizoma pedem vivência. Há carência. Talvez um sintoma concreto, a violência. O corpo é um caminho, para o entendimento de si, do outro. O *corpointeiro*, não apenas nossos sentidos privilegiados como a visão. A performance é potência que abre possibilidades para trabalhar com outros sentidos do corpo, se mostra uma prática artística capaz de criar outras relações com o corpo e com a sociedade.

Os sentimentos e o poder de confraternização que habitam os corpos está secando num mar de desigualdades e pensamentos individualistas. Temos vergonha da nossa meleca ou nosso pum, mas não de nossos passos que vão em direção do individualismo e da ganância. O corre corre por dinheiro, para garantir o pão ou luxo, nos separa. Estamos dominados por um pensamento consumista - fundamentalismo consumo (Milton Santos - Globalização), onde a tentativa de minimizar as dificuldades de se viver, se torna guerra e a busca de poder para benefício próprio.

O aprendizado na brincadeira, no jogo, na fuleragem, em grupo, abre caminho para uma possibilidade de ensino na vivência, onde todos são agentes do conhecimento, onde a hierarquia se dilui em decorrência da comunhão (FREIRE).

Referencias

ALBUQUERQUE, Natasha de; MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Composição urbana: surpresa e Fuleragem**. Rio de Janeiro: SESC, 2013, p. 24 a 35.

AQUINO, Fernando & MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Corpos Informáticos. Performance, corpo, política**. Brasília: PPG-Arte/UnB, 2011.

AQUINO, Fernando; AZAMBUJA, Diego; MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Corpos informáticos: arte, cidade, composição. Brasília: PPG-Arte/UnB, 2009.**

AQUINO, F. & MEDEIROS, M. B. Parafernalias: **composição urbana e arte iterativa**. *Polêm!ca*, UERJ, n. 22, 2007. www.polemica.uerj.br/pol22/cimagem/p22_fernandomaria.htm

ASSUMPÇÃO, Pablo. “*Corpo e Cidade, amor e política: Notas sobre arte pública urbana*” in **Bienal Internacional de Dança do Ceará: Um percurso de intensidades**./ Rosa Primo e Thereza Rocha [organizadoras]; pesquisa e redação de textos Thaís Gonçalves. Fortaleza: Expressão gráfica e editora, 2011.

AZAMBUJA, Diego; MARTINS, Fernando Aquino; MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Corpos Informáticos. Arte, cidade, composição**. Brasília: PPG-Arte-UnB, 2009.

BELLOUR, Raymond. **Entre-imagens**. Campinas: Papirus, 1997.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. Paris: Les Presses du Réel, 2003.

CAPELAS, post: **8rs da sustentabilidade**, 2011. disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/blog/sustentavel-na-pratica/reduzir-melhor-3rs-285461/>.

DELEUZE, Gilles Guattari, Félix. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1, 2, 3, 4 e 5. São Paulo: Editora 34, 1995.

DUCHAMP, M. **O ato criador**. In: BATTCOCK, G. (Org.). **A nova arte**. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 71-74.

DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1981

ILLICH, Ivan, **Sociedade sem escolas**: trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 1985.

MARINHO, Eduardo. palestra: **A determinação para achar o sentido da vida**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vC0aA9hgHwI>

MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Aisthesis**. Arte educação e comunidades. Chapecó: Argos, 2007

MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Performance Artística no vivo**, 2009. Disponível em: <http://www.artesquema.com/wp-content/uploads/2009/01/bia-medeiros.pdf>

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto**. HélioOiticica.-Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal**. São Paulo: Editora Record, 2000.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo. 2007.